

DOSSIÊ

TRABALHO E CULTURA ESCRITA

A ESCRITA NO TRABALHO DOS DIAS...

O Projeto 008/PROEJA/CAPES/SETEC visa o intercâmbio de conhecimentos e ações sobre Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EPIEJA entre as seguintes instituições de pesquisa: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG; Faculdade de Educação da UFMG – FaE/UFMG; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – IFNMG/Campus Januária; Universidade Federal de Viçosa – UFV; e Faculdade de Educação da UEMG – FAE/UEMG. Essa congregação de esforços é induzida pela CAPES, no sentido de trazer novamente ao debate acadêmico questões relacionadas à integração entre formação profissional e formação geral na oferta de escolarização para Jovens e Adultos na Educação Básica.

Nesse esforço coletivo, cada instituição trouxe um conjunto específico de reflexões para nosso grande objetivo: promover, desenvolver e consolidar, no âmbito teórico-prático, a área de Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, por meio de ações voltadas para a melhoria de Programas de Pós-Graduação, para a formação de recursos humanos e para a produção de pesquisa científica e tecnológica, desenvolvidas de forma integrada pelas instituições parceiras.

A FaE/UFMG contribuiu com o debate sobre a questão das múltiplas interfaces entre espaços não-escolares e escolares buscando ver aí as circulações de saberes na dupla condição dos sujeitos da EJA: *trabalhadores-alunos e trabalhadores-educandos*.

Tal contribuição culminou na organização do II *Workshop Trabalho e Cultura Escrita*¹ que pautou as reflexões sobre os seguintes eixos temáticos: a escrita da experiência profissional; o trabalho da escrita e a escrita do trabalho do professor da educação de jovens e adultos; a escrita na educação de jovens e adultos; e cultura escrita, trabalho e trabalhadores, entre outras.

Para atender tal demanda, um levantamento bibliográfico² foi realizado junto às principais bases de pesquisa científica do país. Nessas consultas trabalhou-se, sobretudo, com as expressões – “trabalho e escrita” e “trabalho e linguagem”, sendo identificadas aproximadamente 12 teses, 32 dissertações e 30 artigos. Uma vez que o objetivo central seria compreender as vivências de cultura escrita em situações de trabalho e problematizá-las, contemplando, nesta problematização, os desafios colocados à educação de jovens e adultos, observamos que o número de pesquisas é ainda muito limitado desse ponto de vista. Algumas pesquisas prescindem de uma compreensão do trabalho real focalizando as vivências/exigências concretas em termos de cultura escrita na escola; outras, mesmo buscando compreender a circulação de portadores de texto nas situações laborais, prescindem de considerações sobre o exercício do trabalho; em outras se coloca o foco especificamente na oferta educacional de educação de jovens e adultos trabalhadores; em outras ainda o foco é no espaço de trabalho, mas

¹ II *Workshop* Formação e Produção Científica e Tecnológica em Educação Profissional Integrada a EJA – *Trabalho e Cultura Escrita*. Belo Horizonte, 1, 2 e 3 de dezembro de 2010. Realização: FaE/UFMG e CEFET-MG

² Este trabalho foi realizado por Carina Ribeiro e Grazielle Tomaz entre abril-julho de 2010.

não se contribui, de fato, para a educação dos trabalhadores; há ainda aquelas cujas interrogações sobre as vivências de cultura escrita de trabalhadores não considera neles nem mesmo esta condição... Portanto, desvela-se aqui uma fronteira de problemas de pesquisa que merece investimentos. Entretanto, pudemos contatar contribuições inscritas em várias áreas científicas, o que marca o caráter multidisciplinar da problemática e reitera a necessidade de avançar refletindo sobre o assunto. As temáticas, inicialmente pensadas, sofreram adequações ao material bibliográfico disponível e à disponibilidade dos convidados para participar do evento.

Na mesa *Cultura escrita e trabalho*³ o debate revelou as estratégias didático-metodológicas utilizadas e o valor atribuído à leitura e à escrita de Jovens e Adultos. Muitas questões também foram levantadas quanto aos limites da linguagem formal para dar conta da riqueza cultural da experiência dos *sujeitos* trabalhadores.

Já a mesa *Cultura escrita no trabalho*⁴, revelou que a prática da cultura escrita, sempre presente nas situações de trabalho, exige dos(as) trabalhadores(as) o desenvolvimento de estratégias e práticas de letramento para realização da sua função. Mas se podemos encontrar circulação de cultura escrita nas situações de trabalho, compreendemos também que os jovens e adultos trabalhadores são implicados pela cultura escrita em outras situações de vida. E, muitas vezes, o domínio das competências de leitura e escrita, ao mesmo tempo que revelam origens sócio-culturais, são fundamentais na construção de novas possibilidades e alternativas de vida.⁵

A mesa *Trabalho na educação de jovens e adultos*⁶ abordou dois ângulos interessantes na relação trabalhadores-escola-trabalho. Consta-se que trabalhadores jovens e adultos têm buscado níveis mais elevados de escolarização – uma vez inseridos no mundo do trabalho – em função de pressões da nova dinâmica competitiva no mercado. Mas há também razões mais profundas relacionadas ao valor da escola nas camadas populares. Nesse sentido, impõe-se à escola a necessidade do diálogo com os saberes construídos pelos sujeitos da EJA nas experiências de trabalho, mas também com outras experiências sócio-culturais dos mesmos.

A mesa *Escrita de experiência profissional*⁷ apontou o desafio em aproximar a prática da cultura escrita nas situações de trabalho. Nesse diálogo, as questões mais pertinentes foram as estratégias e as práticas de letramento desenvolvidas por trabalhadores para realização de sua função. Importante ainda, nesse contexto, é o fato de que alguns dos saberes desenvolvidos no bojo destas estratégias serem de difícil verbalização, o que coloca desafios enormes para aqueles trabalhadores, que necessitam formalizar tais saberes. São os dilemas entre poder verbalizar determinadas experiências e poder escrevê-las – a distância oral-escrito impõe outros desafios no processo de transposição lingüística. O que vem corroborar os meandros das relações

³ Geraldo Márcio A. dos Santos (UFV); Doutoranda Fernanda Zorzi (UFRGS).

⁴ Patrícia Cappuccio de Resende (IFET/Barbacena) e Rosana Mont'Alverne (FaE/UFMG).

⁵ É o que pudemos compreender a partir da dissertação de mestrado de Rosane Mont'Alverne sobre a correspondência de presidiários endereçadas aos desembargadores de justiça em Minas Gerais. MONT'ALVERNE NETO, Rosane. **Correspondências do Cárcere**: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2009 (Dissertação de Mestrado).

⁶ Antônia Vitória Soares Aranha (FaE/UFMG); Hasla de Paula Pacheco (Prefeitura Municipal de Contagem).

⁷ Mariana Veríssimo (PUC Minas); Marildes Marinho (FaE-UFMG).

entre saber e poder no domínio da cultura escrita nas sociedades contemporâneas.

No decorrer do evento os debates foram muito ricos, não apenas porque o encontro era inusitado para debater um assunto pouco em pauta nas pesquisas acadêmicas, mas também porque foi possível perceber que questões levantadas em uma mesa, retomavam, recolocavam, e traziam pontos de debate com as intervenções realizadas em outras mesas.

A experiência do trabalho na contemporaneidade foi ponto de partida para a organização do workshop e este, pelas rodas de conversas e debates que proporcionou nos impôs a formalização e publicação do que nos inquieta, por um lado, como sujeitos sociais e pesquisadores, e, por outro, pelo que a sociedade dos trabalhadores nos convoca a compartilhar com outros trabalhadores, leitores e escritores. Enfim, todo este debate nos impõe tirar conseqüências para a educação de jovens e adultos.

Encontramos nesses textos, os *sujeitos* dos mesmos, trabalhadores que escrevem suas histórias cotidianamente e também constroem a História social de seu tempo. Há um jogo entre as dimensões passado, presente e futuro, num (re)fazer-se de identidades entre tais dimensões. Fica assim, aos olhos mais atentos, todo o complexo trabalho humano. É o que revelam os seis textos que, fruto da intervenção dos autores no *workshop*, compõe este dossiê:

- *Trabalho e escrita: culto, cultivado e cultura* de Geraldo Márcio Alves dos Santos;
- *Saberes do trabalho e do trabalhador: reflexões no contexto do PROEJA* de Fernanda Zorzi, Naira Lisboa Franzoi;
- *Linguagens e saberes profissionais na construção civil* de Grazielle Tomaz de Almeida, João Bosco Laudares;
- *Estudante trabalhador na experiência de EJA articulada à educação profissional* - Hasla de Paula Pacheco, Antônia Vitória Soares Aranha;
- *A leitura e a escrita no trabalho de empregadas domésticas* de Patrícia Cappuccio de Resende, Ana Maria de Oliveira Galvão, Antônio Augusto Gomes Batista;
- *Trabalho e educação, e currículo: interpelações mútuas* de Maria Aparecida Silva.

Os protagonistas das pesquisas são empregadas domésticas, presidiários, estudantes jovens e adultos, pedreiros e mestres de obra, ferramenteiros, estudantes/trabalhadores do Curso Técnico em Comércio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Todos são cobrados sobre seus saberes escolares, saberes técnicos, saberes sociais e/ou do exercício profissional em indústrias, espaços domésticos, comércio... Mas, quem são os *sujeitos* trabalhadores que lêem e escrevem no, para e a partir do trabalho? São homens e mulheres, camponeses e urbanos. Moradores em periferias urbanas e rurais. São essas caracterizações comuns, fáceis de serem abordadas e abandonadas por parecerem pouco relevantes para o pensamento que os trata como simples executores de normas de produção. Afinal, o que importa é saber se sabem ou não como serem bons trabalhadores, ordeiros e quietos. Por muito tempo foi assim, e ainda sentimos os ventos pretéritos que conduzem muito da concepção sobre os

homens e mulheres trabalhadores desta forma. São tratados como seres amorfos e que, ao ingressarem no mundo do trabalho, deverão assumir as formas e normas conforme o trabalho prescrito, conformando-se sempre às pré-escritas. Os textos aqui publicados, não deixam de questionar essa construção histórica endereçada aos trabalhadores, e os entrevemos, quase imperceptíveis aos olhares de leitores desatentos, numa riqueza a ser explorada e descoberta.

A experiência cotidiana da oralidade e da escrita informal, ambos com características coloquiais, no trabalho, aproximam-nos dos saberes dos trabalhadores, fugindo às prescrições técnicas, ou seja, essa informalidade tramada pelos homens mostra-nos escritas que, sempre, mais ou menos, supera as normas da língua culta – falada e escrita, perseguida pelos valores escolares, de uma classe social em detrimento de saberes e escritas das camadas populares, dos trabalhadores.

Existe uma escrita no mundo, que precede a escola, que ultrapassa a escola e que precisamos aprender como ler o escrito no mundo. As pesquisas publicadas nesta edição nos mostram como é possível ir além da sobrevalorização do modo escolar de escritas.

A escrita no trabalho, por sua vez, prescrita para o trabalho, durante o trabalho, posterior ao trabalho, assume diferentes propósitos, um deles seria o que perdura o trabalho, renova, vivifica o homem no trabalho. E, como bem lembra o último texto do dossiê, tudo isso passa-atravessa o *currículum* da escola e da vida.

Um exemplo do tensionamento dessas concepções no território da escola está entre um projeto de formação de *mão de obra para o trabalho* e outras concepções que interrogam hierarquias entre saberes escolares e experienciais, entre eles aqueles adquiridos no mundo do trabalho. O trabalho, ao entrar na escola, convoca a alterar as “regras escritas” da forma escolar, superando amarras curriculares e instaurando “um par dialético – saberes dos trabalhadores e saberes docentes”, onde o aluno *mestre de obras*, vira *mestre de sala de aula*. A escola torna-se lugar de conflitos e, sobretudo, da transformação do currículo. É nessa condição social e histórica que o trabalho carrega consigo o princípio educativo e que desvela o modo como trabalhadores constroem suas estratégias para mobilizar, produzir, e formalizar seus saberes tácitos. Essa escrita sobre cultura escrita e trabalho convida-nos a reflexões sobre uma luta individual dos trabalhadores ou coletivamente carregam consigo, em ‘segredo’, riquezas imateriais e materiais do trabalho real.

Escrever esta Introdução para o dossiê a partir das experiências do trabalho humano exige um exercício de interpretação multifacetado, pois pensar o trabalho é fazer leituras através de lentes, por vezes translúcidas, opacas e obscuras – o visto imediato; o difuso e fugidio, num esforço complexo – físico, mental, emocional e cultural, e ainda, o tatear com os sentidos a vida que se fez, se faz e por fazer. Assim, pensamos que a escrita no trabalho nos convida à leitura sobre o escrito e o incrustado no e pelo trabalho humano.

São enxadas e suores dos corpos, ranhuras em metais de tornos, em casas de famílias por entre patrões, sabores e panelas, nas paredes de grades e em cadernos de cárceres, é a vida humana mostrando-nos suas entrelinhas – por onde, e por meio de quais rabiscos cotidianos, homens e mulheres tornam-se humanos. Como nos diz Benjamin (2004), nos escombros da

modernidade, encontramos tudo do que se fez a vida real, são sonhos, contradições, conflitos e incompletudes.

A escrita investigativa dos pesquisadores possibilita ir além do saber “o quê” se escreve e investigar e saber o “como” se escreve, pois nos traços dos escritos encontramos a dinâmica da vida. É aí, no “como”, onde melhor enxergamos as cadências das relações sociais e suas rítmicas no fazer cotidiano do trabalho, nas singularidades e expressões corpóreas, nas composições dos signos e símbolos do trabalho, nas tramas do vivido, como *escrituras complexas* e paradoxais – tensas, duras, fugidias, sutis, explícitas, amorosas, incompletas e mais ou menos conclusivas da vida no trabalho.

Contrariando a idéia de uma sociedade em que se rastros são apagados, a escrita no trabalho, seja pelo código, pelo corpo, pelos sentidos e sentimentos, verbalizadas ou não, pelos gestos, ícones, sinais e símbolos, ler essa escrita exige uma acuidade cuidadosa, sensível e radical que nos aproxima do que torna a experiência humana sua própria raiz. Aproximar-se do homem passa pelo entendimento o trabalho em sua amplitude formativa, experiencial do fazer-se homem indistintamente e para além dos marcos de estruturas macro-econômica.

O trabalho contemporâneo, em muitos casos, tem demandado dos sujeitos o aprendizado das escritas e leituras escolares, técnicas e, sobretudo, do saber fazer dos trabalhadores. Há aí um paradoxo, qual seja, o não reconhecimento do saber fazer sobre o trabalho, numa tentativa de “desenraizamento” do homem, enquanto produtor de saberes, inscritos e escritos de forma individual ou coletiva em situação de trabalho. O escrito a partir do trabalho é convocado pelo capital das mãos obreiras e, num jogo sutil, desvalorizando por intermédio da precarização do trabalho e de suas condições reais de produção. E, ao mesmo tempo, uma tentativa de apropriar-se desses saberes e de transformá-los em valor na constituição de tecnologias de gestão e produção.

Contrariando essa perspectiva, convidamos Yves Schwartz (2000) para dialogar sobre a experiência e as práticas humanas que mais convocam os saberes sociais, do presente e de tempos imemoriais. Temos então, nesses trabalhos das escritas e leituras sobre o trabalho, a oportunidade de encontrar as riquezas escritas e inscritas na experiência dos homens. Há história no trabalho, feita e por fazer, fazendo-se, perpetuando-se e fundindo-se em novas histórias. Ou em novas escritas, como num ciclo sem fim, sem começo, não linear. Em leituras e escrituras feitas e a serem vividas pelos homens, cotidianamente, e por nós capturadas, sempre, mais ou menos, ensejando sua compreensão.

Charles Moreira Cunha⁸

Grazielle Tomaz de Almeida⁹

Daisy Moreira Cunha¹⁰

⁸ Professor da Educação Básica, PET/SMED-PBH; UFMG. E-mail: charlescunha@hotmail.com.

⁹ Pedagoga pela FaE/UFMG, Mestranda em Educação Tecnológica no CEFET-MG, membro do FORQUAP. E-mail: grazipedagogia@yahoo.com.br.

¹⁰ Pós-Doutorado em Educação de Adultos pelo Conservatoire National des Arts et Métiers – CNAM/Paris, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: *Conhecimento e Inclusão Social* – FaE/UFMG.